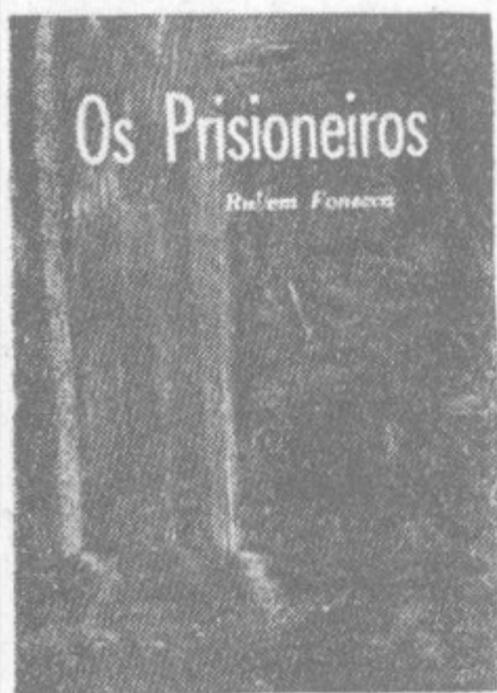


Novembro/Dezembro de 1963

IMPRÓPRIO PARA MENORES



O título acima não é e nem poderia ser um critério de seleção ou de censura. Principalmente porque eu teria dificuldade de encontrar a pessoa respeitável, em qualquer idade, com condições de ler o livro de contos de Rubem Fonseca, e ao mesmo tempo capaz de sentir pruridos moralizantes diante da crueza do autor de Os Prisioneiros: porque se trata, absolutamente, de um livro adulto.

Numa das orelhas do volume, o editor adverte:

«Com êsse lançamento GRD chama a atenção para um nome que deve ser vigiado pelos interessados na nova literatura brasileira». E isto é certo. Rubem Fonseca, autor desconhecido nos círculos literários, da Guanabara pelo menos, não veio para sua estréia com livro improvisado, nem sem o necessário domínio de sua técnica. Entretanto, ao sair esta noite, a afirmação de que o autor «é desconhecido nos meios literários», não terá validade.

Acredito, inclusive, ser esta a melhor estréia no conto dos últimos tempos. O autor escreve com desembaraço e propriedade, desfaz-se do assunto com mestria e usa de toda a violência possível em literatura. Ao se ler o conto «Duzentos e Vinte e Cinco Gramas», tem-se uma exata noção do quanto pode um autor ser incômodo e violento, nessa época de autores incômodos e violentos. O autor descreve a autópsia de uma mulher, realizada na presença de um dos seus amantes, escolhido ao acaso, entre três aparecidos para ver pela última vez aquela que «era muito expansiva e alegre», como diria um dos amantes, mas que era, sobretudo, «uma linda mulher», na opinião do legista.

Nos contos de Rubem Fonseca, as coisas acontecem naturalmente, e o autor não tem preocupação de justificá-las (pelo menos perante a realidade de determinados leitores). Os personagens vivem num mundo ficcional, e não se comprometem com nenhuma lógica: a não ser com a lógica absurda e incoerente da vida. No conto «O Agente», temos um desmentido ao bitolado da apresentação assinada em «fac-simile»... Não, esclareço, por sua opinião, mas por não fundamentá-la, pelo leviano.